

“Com que roupa eu vou?” A alma encantadora das ruas na passarela da moda<sup>1</sup>

*“Com que roupa eu vou?”<sup>2</sup> The charming soul of the streets in the fashion catwalk*

**Graziela Valadares Gomes de Mello Vanna<sup>\*</sup>**

**Marlon Uliana Calza<sup>\*\*</sup>**

**Paulo Bernardo Ferreira Vaz<sup>\*\*\*</sup>**

#### RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão acerca da coleção “O cronista do Brasil – verão 2012” desenhada por Ronaldo Fraga, que tem como tema a paisagem sonora do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX, evidenciada nas canções de Noel Rosa. Buscamos compreender como a expressão anímica do Rio e os vestígios da vida cotidiana no tempo e na cidade de Noel se concretizam nas roupas do estilista mineiro – observando ainda possíveis transposições espaço temporais concretizadas no vestir. Para tanto, na análise de algumas peças da coleção, serão observados cortes, cores, tecidos e estampas, em relação

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no 8º Colóquio Internacional de Moda realizado pelo Senai/Cetiqt na cidade do Rio de Janeiro, em set. 2012.

<sup>2</sup> Title of a song composed by Noel Rosa.

Profª Drª adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil. Doutora em Comunicação pela ECA/USP com bolsa sanduíche no Centre de Sociologie de L’Innovation (Paris). *E-mail*: grazielamv@fafich.ufmg.br

<sup>\*\*</sup> Doutorando em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFGRS). Bolsista da Capes em Estágio Doutoral na Politecnico di Milano (PDSE-CAPES). Professor da Faculdade de Design do UniRitter/Laureate International Universities. *E-mail*: marloncalza@gmail.com

<sup>\*\*\*</sup> Professor visitante do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC. Colaborador junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG e ao Mestrado em Estudos Culturais Contemporâneos da FUMEC. Pesquisador integrado ao Grupo de Pesquisa Imagem e Sociabilidade-GRIS da UFMG. *E-mail*: paulobvaz@gmail.com

Submetido em: 20/setembro/2013.

Aprovado em: 22/outubro/2013.

às composições de Noel Rosa, assim como o “desfile-espetáculo”, produzido pelo estilista no evento “São Paulo *Fashion Week 2011*” e transmitido em dispositivos midiáticos diversos.

**Palavras-chave:** Moda. Paisagens sonoras. Comunicação. Rio de Janeiro. Noel Rosa.

#### ABSTRACT

This paper has as subject the Ronaldo Fraga’s summer fashion collection called *O cronista do Brasil* which has as theme the soundscape of Rio de Janeiro portrayed in Noel Rosa’s songs in the beginnings of XX Century. By the analysis of the creation of Fraga showed in the catwalk presentation (SPFW 2011) tensioned to the songs, we tried to comprehend how the animic expression of Rio and the vestiges of day to day life at the time of Rosa are corporified in the clothes of this fashion collection.

**Keywords:** Fashion. Soundscape. Communication. Rio de Janeiro. Noel Rosa.

## Introdução: Com que roupa eu vou ao samba que você me convidou?

Convidada para um evento – que tinha o sugestivo nome de *Festa na laje*, como referência ao espaço comumente utilizado para isso em casas de periferia – o anfitrião pediu que eu preparasse uma seleção musical só com sambas antigos, a ser tocada nos intervalos da roda de samba que ia acontecer na festa. Segui o pedido à risca, selecionando canções de Noel Rosa e de seus contemporâneos. Enquanto me aprontava, coloquei para tocar a seleção musical, buscando, para mim, a resposta à questão-título de uma das canções de Noel: *Com que roupa eu vou?*<sup>3</sup> A seleção musical provocou-me uma viagem no tempo e no espaço: estava no Rio de Janeiro, na década 30 (séc. XX). A conversa de botequim, os bailes de carnaval, os cabarés da Lapa, a vida simples no morro, o malandro, o mulato faceiro e as morenas, tudo e todos desfilaram nas ondas sonoras. Saudosista de um tempo e lugares não vividos, mas conhecidos por mim, dei-me conta de que são componentes não apenas de meu próprio repertório, mas, quiçá, do imaginário de grande parte da sociedade brasileira.

<sup>3</sup> Cf. *Coleção Noel pela primeira vez*. Universal Music/MinC/Funarte, 2000. CD-ROM 1.

Embalada por essas paisagens sonoras que a floravam trazendo-me a ambiência carioca do passado, abri meu guarda-roupa, no qual posso encontrar peças de várias coleções do estilista mineiro Ronaldo Fraga. Usar uma de suas peças é acionar minha memória afetiva, pois cada roupa escolhida ativa uma vivência que, por sua vez, remete-me a outros tempos e a outros lugares. (STALLYBRASS apud CALZA, 2009).<sup>4</sup> Seus estilos diversos, as cores utilizadas nas coleções, as formas por ele escolhidas, tudo carrega um manancial que aciona memórias de textos, canções, espetáculos, lugares que, de alguma forma, estão relacionados às minhas escutas, vivências ou leituras. Ronaldo Fraga já recorreu a Carlos Drummond de Andrade e a Guimarães Rosa, ao grupo de teatro de bonecos “Giramundo”, ao tropicalismo, à cidade de Brasília, ao Vale do Jequitinhonha, ao Rio São Francisco, à Bossa Nova, à dança de Pina Bausch e ao mundo e à música de Noel Rosa. Tudo coube e mais ainda cabe no meu guarda-roupa. O Rio de Janeiro de Noel foi a mais recente aquisição para fazer morada dentro das portas mágicas de meu armário. Justamente nessas peças novatas encontrei as respostas à pergunta que Noel insistia em me fazer na canção: “Com que roupa, com que roupa eu vou?”

Os vestígios do Rio de Janeiro, *locus vivendi* de Noel Rosa, tornados *locus operandi* do “compositor-cronista”, foram, por sua vez, conhecidos, interpretados e traduzidos por Ronaldo Fraga, “tradutor-designer-de-moda”. Nos tecidos recortados e costurados a partir de moldes desenhados por ele na coleção do verão de 2012, percebem-se vestígios daquela “alma encantadora das ruas”<sup>5</sup> do Rio de Janeiro de 80 anos passados. O estilista não recorreu a estereótipos, mas a pequenos recortes dessa alma, tais como traços de azulejos hidráulicos comuns em bares da Lapa, copos lagoinha ou com *pois* coloridos que remetem às chuvas multicoloridas das batalhas de confetes.

No melindroso afã de me ambientar em sintonia com Noel, aprontei-me faceira com Fraga: vestido preto cujo corte da gola e detalhes em branco me remetem a antigos bailes de carnaval, onde eram habituais as fantasias de marinheiro tanto masculinas quanto femininas. Vestida para a festa de

<sup>4</sup> Para Stallybrass (apud CALZA, 2009, p. 63), “pensar sobre a roupa significaria pensar não apenas a sua relação com o corpo que a recebe, mas também pensar a memória, as relações de posse e poder, por meio da transmissão e partilha de bens. Para o autor, que observa a maneira ou as diferentes formas pelas quais as roupas fazem parte da nossa vida e marcam as rupturas que nela ocorrem, a roupa é capaz de preservar ou carregar o corpo ausente, a memória, a genealogia ou a identidade, o valor imaterial, bem como o valor material literal. As roupas são preservadas, elas permanecem, nos diz Stallybrass (apud CALZA, 2009, p. 63), uma vez que são os corpos que as habitam que mudam. Assim, ao pensar nas roupas como “modas passageiras”, expressaríamos apenas uma meia-verdade”.

<sup>5</sup> Fazemos aqui uma referência ao título de um dos livros de crônicas de João do Rio – *A alma encantadora das ruas*. (RIO, 2008).

hoje, contudo, não estou fantasiada de marinheiro. As referências são mais sutis; sinto apenas que a encantadora alma das ruas me invade, fazendo-me pensar na vida cotidiana das primeiras décadas do século XX, nas ruas do Rio. Tomada por essa alma, sambo sozinha em minha casa, ouvindo mais uma canção de Noel para, em seguida, sair bem *malandrinha*<sup>6</sup> rumo à festa.

Tempos depois, depois de proveitosas discussões com colegas de departamento, passo a contar com o “auxílio luxuoso”<sup>7</sup> do coautores deste trabalho ao propor a elaboração de uma reflexão acerca dessas transposições de som e imagens, no tempo e no espaço. A coleção de Ronaldo Fraga, “O cronista do Brasil” – *verão 2012* – sugere-nos um excelente caso a ser estudado de transposições e apropriações. Em primeiro lugar, uma transposição, nos anos 1930, entre a realidade histórica da vida cotidiana no Rio e a produção cultural do artista-compositor. Em segundo lugar, em 2010, a apropriação de Noel para a produção artístico-cultural do artista-estilista. Em terceiro lugar, no dia de hoje, a apropriação da coautora deste texto ao vestir Ronaldo Fraga para participar de uma festa onde será ouvida a música de Noel Rosa, acionando a paisagem sonora representada por músicas e evocada pelas roupas.

Nos interessa, neste artigo, entender o modo como se dá a concretização de uma expressão anímica nas roupas. Quem veste uma peça da coleção *verão 2012*, de Ronaldo Fraga, tem o passaporte para entrar em um ambiente musical, paisagístico, comportamental, expresso em canções, registrado em fotografias, discos e textos de jornais e revistas de oito décadas passadas. Tal ambiente, bem além das roupas e das músicas, está presente em elementos da arquitetura, decoração, cores e produções culturais contemporâneos de Noel. Tudo isso dá o tom, a coloração, o gingado e o ritmo do desfile onde são apresentadas as peças, transformando-se em algo pronto para vestir: uma camisa, uma saia, roupas que carregam aquele outro ambiente, configurando-se em um dos principais elementos de estilo<sup>8</sup> e identidade dessa coleção de moda.

<sup>6</sup> Referência à canção *Malandrinha* de Freire Júnior, 1927.

<sup>7</sup> Expressão utilizada na canção *Juventude transviada*, de Luiz Melodia.

<sup>8</sup> “Os elementos (de estilo) presentes nas estampas de uma coleção de moda determinam a relação entre roupas e sujeitos e entre os sujeitos e a coletividade através do vestuário. As estampas passam a ser consideradas uma grande estratégia para a obtenção de sucesso em uma coleção, ao passo que dialogam com os consumidores através do poder de transmissão de mensagens, construção de afinidades e estímulo ao desejo pelo produto. Além disso, as estampas acabam por atribuir uma singularidade ou especificidade a cada coleção, diante de um contexto ou até mesmo de uma temporalidade específica – considerando-se, ainda, que cada uma delas pode e poderá vir a se diferenciar diante das demais já criadas ou que serão criadas ao longo de cada temporada.” (MACIEIRA; PONTES apud CALZA, 2009, p. 68).

Dessa forma, no presente artigo, tratamos das referências à música de Noel, ao carnaval e ao Rio de Janeiro, na década de 30 (séc. passado). Tanto são considerados os cortes, os tecidos e as estampas das roupas da coleção quanto a sua apresentação no desfile realizado na “São Paulo Fashion Week 2011”, registrado em DVD, posto em circulação em diversos sites na internet e parcialmente transmitido em redes de TV nacionais e internacionais. Fazemos uma tentativa de perceber o espírito do tempo e do espaço do Rio de Janeiro, ou melhor, as paisagens sonoras do Rio antigo, e de como Ronaldo Fraga delas se apropriou e as recriou na intertextualidade de sua produção.

## O feitiço da moda sem farofa

*Ser contemporânea de todo mundo – eis a satisfação mais apaixonada e mais secreta que a moda oferece à mulher.*

(Walter Benjamin)

O termo *moda* que Lipovetsky denomina “reino do efêmero sistemático” (1989, p. 29) pode se referir a inúmeros aspectos efêmeros da vida cotidiana. No entanto, a utilização do termo *moda*, no presente trabalho, se restringe às mudanças sistematizadas e sazonais, ocorridas no vestuário, ou melhor, moda como renovação sistemática e sazonal das formas de vestir, observada nas roupas. Ao fazermos uma escolha pela criação de Ronaldo Fraga como objeto de estudo, consideramos a valorização dos elementos da memória coletiva recuperados em suas coleções, em detrimento da valorização de tendências efêmeras relacionadas principalmente ao corte e às cores que caracterizam a moda, pois, como defende Garcia,

[Ronaldo Fraga] busca interlocuções desafiantes, reinventa constantemente o modo de olhar para o passado. Enquanto a coerência garante credibilidade e a emoção solidifica vínculos comunicacionais, é a continuidade de tais maneiras de costurar que legitima Ronaldo. Não é preciso procurar muito para achar sentido em seu trabalho. Sem data de validade, seus *looks* sabotam o setor da moda, pois violam o automatismo de imperiosas mudanças que caracteriza o trunfo de vogas temporárias. Com a manutenção dos modos de costurar, o criador constrói a ficção de não-perecimento. (2007, p. 82).

Contextos sociais, culturais e políticos são tecidos nas roupas criadas por Fraga e parece que se tornam os principais elementos de sedução do seu modo de criação. Em outras palavras, as suas roupas contam histórias, e são essas histórias – e não uma nova tendência no corte da roupa (por exemplo, cinturas baixas ou cinturas altas) – que criam o desejo por suas peças a cada nova estação. Histórias essas que são familiares aos admiradores de Ronaldo Fraga.

Enquanto a maioria mirava o horizonte, borbulhas de memórias afetivas foram construindo pontes entre Ronaldo Fraga e o interior de si, do país onde nasceu e da espécie à qual pertence. Compartilhando sentimentos coletivos, ele entende a moda como um ato político e se posiciona firmemente diante de fatos que afetam o Brasil contemporâneo. (GARCIA, 2007, p. 71).

A moda referente ao vestuário, segundo a análise de Barthes (1979), é um sistema complexo em que o autor consegue distinguir três tipos de vestuário: o *vestuário real*, que seria a roupa material, a indumentária utilizada pelos indivíduos; o *vestuário-imagem*, que seria a representação, o ícone do vestuário real; e o *vestuário escrito*, que seria a descrição da moda por meio da escrita, sendo essa escrita composta de um vocabulário particular, um código próprio à moda. No presente artigo, ao se falar de vestuário, o termo estará sempre se referindo ao que Barthes denomina *vestuário real*, sendo que o objetivo deste estudo é a compreensão do discurso implícito nesse vestuário real que ultrapassa as suas funções práticas delimitadas por Barthes (1967), ou seja, proteção, pudor e ornamentação. Como a coleção de verão 2012 “O cronista do Brasil” lançada por Ronaldo Fraga assume outra função, ela se torna lugar de memória nos remetendo, por meio de sons e imagens, aos carnavais de rua ou à boemia na Lapa, na cidade do Rio de Janeiro, nos idos tempos de Noel Rosa, o mais célebre sambista da Vila Isabel. Para tanto, na tessitura das peças podem ser encontrados “textos” diversos cujos elementos se relacionam à arquitetura, à música, aos bailes no Rio de Noel.

Não é recente a relação da moda referente ao vestuário com outras modas e com outras artes. Assim, determinado estilo musical em voga ou determinada tendência na arquitetura ou na pintura, por exemplo, influencia na moda – ou vice-versa. Dorfles confirma essa relação entre modas de diversos campos, ao lembrar que “a rápida passagem de um gênero de dança-música a um outro implica, também, mudanças de estilo de vestuário, de decoração, de linguagem [...]. Um determinado tipo de actor, cantor e autor, compositor intérprete, trouxeram[sic], consigo novas formas de vestir e de comportamento”. (1988, p. 61).

Como discutimos de forma mais exaustiva em trabalhos anteriores, vários estilistas que se tornaram referência na história mundial da moda se inspiraram em outras artes para criar suas coleções. O próprio Ronaldo Fraga já se apropriou, como mencionamos na introdução deste trabalho, anteriormente, de referências das artes transformando tais referências em temáticas centrais das suas coleções. Afinal, ainda é válida a observação datada de 1935, citada por Benjamin (2006, p. 110), que sugere que

os criadores de moda [...] frequentam a sociedade e adquirem desse convívio uma impressão geral; participam da vida artística, assistem a estréias e visitam exposições, lêem os livros de sucesso – em outras palavras, sua inspiração inflama-se com os estímulos [...] oferecidos por uma atualidade movimentada. Todavia, como nenhum presente desliga-se totalmente do passado, também o passado oferece-lhes estímulos [...]. Mas, apenas é utilizado aquilo que está em harmonia com o acorde da moda atual. (GRUND apud BENJAMIN, 2006, p. 110).

Certamente, a moda relacionada ao vestuário não pode ser dissociada de outras manifestações socioculturais, pois não se constitui num movimento isolado, sendo, assim, influenciada por essas manifestações. Portanto, privilegiamos neste estudo o aspecto da moda não apenas como mudança constante nos modos de vestir, mas como um dispositivo capaz de ser o lugar do efêmero, mas também o lugar da memória dessas manifestações ou, em outras palavras, uma transposição espaçotemporal, a roupa contemporânea que remete quem a veste a um outro lugar, distante no tempo e no espaço.

## Intertextualidades na criação de Ronaldo Fraga

A bateria de Vila Isabel começa a tocar apenas com um tamborim e um violão fazendo a marcação. Ouve-se uma voz que canta um samba conhecido. As luzes se acendem aos poucos e aos poucos consegue-se ver a figura de um rapaz de quem quase não se vê o queixo, vestido de terno branco, sapato bicolor: o dono da voz. A luz se acende completamente. Entram outros instrumentos de percussão e sopro. Passam por ali loiras e morenas cujo andar segue o ritmo das canções. Ao fundo, uma pintura antiga da Baía de Guanabara. Tudo termina com uma batalha de confetes iniciada por um sujeito com camiseta com uma estampa que imita uma gola de marinheiro e óculos exóticos. Esse acontecimento não se passa em um cabaré da Lapa, em um baile de carnaval num salão *art*

déco do Rio de Janeiro e muito menos na Vila Isabel dos anos 30 (séc. XX). Estamos no parque Ibirapuera, em um desfile de moda na “São Paulo Fashion Week 2011”. O *rei-momo* que ali inicia a batalha de confetes, dono dos óculos, das roupas e responsável pelo *baile* é Ronaldo Fraga.

Espetacularizar o lançamento de suas coleções tem sido uma estratégia recorrente do estilista, a exemplo de outros criadores. Como descreve Kalil,

a moda, para este estilista, é apenas um dos elementos da peça que está sendo montada naquela estação. Depois de se apaixonar por um tema, Ronaldo cuida pessoalmente da cenografia, sempre surpreendente e completamente diversa da apresentação anterior, escolhe a trilha sonora com o carinho de quem tem uma ligação forte e antiga com a música, pensa no cabelo e na maquiagem que seus personagens vão usar, para depois vesti-los. (2007, p. 8).

Entendemos esse “lançamento-espetáculo” da coleção Noel Rosa como um dispositivo que faz uso de diversos tipos de “texto”, tais como: fotografias, elementos da arquitetura, estampas e corte das roupas, músicas, performance de artistas e gingado do corpo, tudo remete à paisagem situada no tempo e no espaço: o Rio de Janeiro dos anos 30 do século citado. Especialmente nessa coleção, o desfile de apresentação das roupas em um dos mais importantes eventos de moda do País anuncia e antecipa, por meio do espetáculo, o imbricamento da alma sonora com a alma das ruas e as peças criadas para vestir.

## A alma sonora do Rio de Janeiro antigo

*Os músicos vieram todos!  
Não perde a cidade seus foros de musical  
– o Rio onde tudo é música,  
desde a poética música dos beijos  
à decisiva música de pancadaria.*

(João do Rio)

Consideramos que a música pode ser utilizada com a intenção de imprimir emoções ou criar paisagens sonoras “por meio da associação com imagens que fazem parte da memória do ouvinte” de forma que a peça sugira determinados sentidos para esse ouvinte com base em um sentido cultural partilhado. Entendemos “paisagens sonoras” aqui de acordo com a definição do conceito proposto pelo pesquisador canadense Schafer.

Schafer nos propõe um estudo da paisagem sonora<sup>9</sup> mundial, que é definida por ele como “qualquer porção do ambiente sonoro vista como um campo de estudos. O termo pode referir-se a ambientes reais ou a construções abstratas como a composição musical”. (SCHAFER, 2001, p. 366).

Concordamos com Schafer (2001, p. 23), quando ele afirma que “o ambiente acústico geral de uma sociedade pode ser lido como um indicador das condições sociais que o produzem e nos conta muita coisa a respeito das tendências e da evolução dessa sociedade”. Essa consideração é especialmente válida no contexto brasileiro, uma vez que a prática musical brasileira que faz parte da paisagem sonora da cidade, “sempre esteve associada à mobilização melódica e rítmica de palavras, frases e pequenas narrativas ou cenas cotidianas”. (TATIT, 2004, p. 69).

De acordo com Balsebre (1996, p. 333), a música teria duas funções estéticas principais: a *expressiva*, quando afeta o ouvinte ao sugerir reações emotivas, como amor, tristeza, alegria, e *descritiva*, quando a música denota uma paisagem ou um período histórico. A música que serve como inspiração para a coleção de moda de Ronaldo Fraga (e utilizada no desfile, nas lojas e em trilha sonora em seu *website*) pode assumir ambas as funções estéticas delimitadas por Balsebre. Tanto pode estabelecer uma relação de afeto quanto nos remeter à vida cotidiana por meio das canções, pois percebemos nas mesmas traços da voz que fala na voz que canta, ou melhor, a entoação da conversa cotidiana mimetizada na melodia da canção, em que cantar é *dizer* algo. (TATIT, 2004). As canções populares nascem assim, como sugere João do Rio,

de um balanço de rede, de uma notícia de jornal, de fato do dia – assunto geral – do namoro e da noite – assunto particular. Se em Paris é a rapsódia da miséria e da vergasta irônica, no Rio é a história viva do carioca, a evoluir na calçada, romântico, gozador e peralta. A gargalhada da rua faz-se de uma porção de risos, o soluço da paixão de muitos soluços – a Musa é policroma, reflete a população confusa e babélica tal qual ela é. (2008, p. 239-240).

Noel Rosa foi um cronista da vida cotidiana brasileira, especialmente da vida urbana nas ruas do morro e do asfalto, nos botequins, nos *bas fonds* do Rio de Janeiro. E nos desvela, como João do Rio, a alma encantadora

<sup>9</sup> Tradução para o português do termo original em inglês – *soundscape*, derivado de *landscape* – cunhado pelo pesquisador. Para o desenvolvimento da pesquisa, o pesquisador se dedica não apenas a uma pesquisa sobre sons que compõem as paisagens sonoras contemporâneas, mas também a uma ampla investigação em obras literárias – investigação essa que remonta aos mitos gregos – das referências aos sons presentes em tais obras.

da cidade em registros apurados o bastante para nos sugerir uma paisagem bem precisa da vida das pessoas comuns, ao relatar cenas cotidianas que a constituem. Nas composições de Noel, tais cenas ganham visibilidade e são perenizadas por meio da associação do relato a uma estrutura melódica, o que é recorrente nas canções populares brasileiras desde o início do século XX. Como descreve Tatit (2004, p. 34), “alheios a qualquer formação escolar, de ordem musical ou literária, esses sambistas retiravam suas melodias e seus versos da própria fala cotidiana. Serviam-se das entoações que acompanham a linguagem oral e das expressões usadas em conversa”. Nas canções de Noel Rosa, essa oralidade é uma marca evidenciada desde os títulos.

O eu lírico das canções de Noel são encarnações de alguns personagens de Vila Isabel ou da boemia efervescente da Lapa, nossa *Montmartre tropical*<sup>10</sup> onde havia espaço tanto para artistas, malandros e jogadores como para a mais fina intelectualidade carioca. A própria história do compositor coincide com a história da Lapa.

É curioso que Gaspariano Damata, historiador da Lapa, aponte 1910, ano de nascimento de Noel Rosa, como aquele em que o bairro começou a adquirir “dupla personalidade”, as casas de família misturando-se com pensões nada familiares. E é não menos curioso que Damata considere os anos de 1930 a 1938 justamente o período em que a alma sonora da cidade foi enriquecida pelos sambas de Noel Rosa, os do apogeu da nossa *Montmartre*. (MÁXIMO, 2009, p. 50).

Nas canções, malandros, pierrôs, bambas do samba, atores, poetas, políticos corruptos, gogos, mulatos, intelectuais, “baleiro, jornalista, motorneiro, condutor e passageiro” (*Coisas Nossas*)<sup>11</sup> ocupam o lugar do sujeito. Sujeito que ama ou sofre pelo amor da *Dama do Cabaré*<sup>12</sup> – e procura sua amada nos arredores dos arcos da Lapa – ou pelo amor da trabalhadora da fábrica de tecidos (*Três Apitos*);<sup>13</sup> toma vermute com amendoim (em *Pierrot Apaixonado*)<sup>14</sup> depois do fora da colombina de porre; conversa banalidades (*Conversa de Botequim*);<sup>15</sup> pragueja (“Tu...

<sup>10</sup> Se em *Montmartre* havia espaço tanto para o *Sacré-Coeur* como para o *Moulin Rouge*, em sua réplica carioca, a Igreja de Nossa Senhora da Lapa do Desterro era vizinha de cabarés e outros mafuás. (MÁXIMO, 2009, p. 50).

<sup>11</sup> Cf. *Coleção Noel pela primeira vez*. Universal Music/MinC/Funarte, 2000. CD-ROM3.

<sup>12</sup> Idem, CD 10.

<sup>13</sup> Idem, CD 11.

<sup>14</sup> Idem, CD 9.

<sup>15</sup> Idem.

tu... tu... tu... tu... tu... tu... vai... fi... fi... ficar corcunda!” em *Gago Apaixonado*;<sup>16</sup> critica o *outro* (como o sujeito que pergunta “quem é você que não sabe o que diz?” em *Palpite Infeliz*),<sup>17</sup> os estrangeirismos no cinema (*Não tem Tradução*)<sup>18</sup> e o progresso que traz a violência interrompendo o samba (*Século do Progresso*);<sup>19</sup> exalta a vila e o samba (*Feitiço da Vila*),<sup>20</sup> a morena, a malandragem, joga, acusa o *outro* que rouba (*Onde está a Honestidade?*),<sup>21</sup> dentre outras experiências cotidianas. Como defende João do Rio,

a Musa das Ruas é a Musa que viceja nos becos e rebenta nas praças, entre o barulho da população e a ânsia de todas as nevroses, é a Musa igualitária, a Musa-povo que desfaz os fatos mais graves em lundus e canções, é a única sem pretensões porque se renova como a própria Vida [...]. A Musa urbana! Ela é a canção, começa com os povos da história, e talvez tivesse, como o homem, a sua pré-história. (2008, p. 234).

Podemos, então, dizer que a musa das ruas do Rio de Janeiro é perenizada por Noel Rosa. Suas canções tornam-se, assim, uma extensão da memória coletiva, um lugar de memória cujas paisagens sonoras, atores sociais e cenários que a constituem são reconstituídos a cada nova escuta.

## Vestígios da alma encantadora do Rio de Janeiro nas roupas

Parece-nos evidente que a escolha do estilista Ronaldo Fraga para representar o Rio de Janeiro dos anos 30 (séc. XX) parte de um recorte das paisagens sonoras da cidade nas canções de Noel Rosa. O estilista não parece se interessar por toda e qualquer representação da cidade naquele período. As roupas criadas perseguem pistas deixadas pelos personagens e fragmentos dos cenários que compõem a visada de Noel sobre a paisagem do Rio do seu tempo.

<sup>16</sup> Idem, CD 1.

<sup>17</sup> Idem, CD 9.

<sup>18</sup> Idem, CD 7.

<sup>19</sup> Idem, CD 11.

<sup>20</sup> Idem, CD 8.

<sup>21</sup> Idem, CD 6.

Benjamin, em uma citação nas suas *Passagens*, destaca como um artefato de moda apreende a cidade: “Poder da moda sobre a cidade de Paris num símbolo. Comprei um mapa de Paris impresso num lenço.” (GUTZKOW; LEIPZIG apud BENJAMIN, 2006, p. 105). Em um caminho diverso, Ronaldo Fraga parece evitar a representação recorrente da cidade que valoriza suas belezas naturais e pontos turísticos. O que vemos nas peças, na sua loja, ou no desfile, são pequenos vestígios das ruas. O único momento em que parece se aproximar de uma visão panorâmica da cidade o faz por meio de uma reprodução – em vestidos, camisetas, em seu *site* e como cenário do desfile – de um trabalho de um “pintor da rua” que apresenta a Baía de Guanabara e o Pão de Açúcar, de forma semelhante àquelas pinturas de botequins pelas quais João do Rio se encanta em uma de suas crônicas.<sup>22</sup> Ou seja, uma pintura que poderia ser pano de fundo para a *Conversa de Botequim*,<sup>23</sup> de Noel Rosa, e não um cartão-postal. Painel onde, ao ser utilizado no *site* do estilista para apresentar a coleção no meio virtual, identificamos elementos tipográficos e iconográficos, componentes textuais do cenário devidamente atualizados: a marca do estilista e o nome da coleção em fonte tipográfica modernista.

As roupas carregam também outros fragmentos dos botequins da Lapa cantados por Noel. Os copos lagoinha até hoje ainda muito utilizados nos bares se tornaram blusas, vestidos e *shorts*. A alma dos botequins também se desvela nos azulejos hidráulicos da Lapa, que se tornaram vestidos que usam o linho como tecido. Tecido esse utilizado desde os tempos de Noel, mas que atualmente é pouco lembrado como matéria-prima às criações dos estilistas.<sup>24</sup> Mais uma vez, o azulejo desenhado no tecido comumente usado pelo *rapaz folgado*<sup>25</sup> contemporâneo de Noel e frequentador do botequim, não é uma referência direta a esse ambiente. O estilista não usa, por exemplo, as placas de rua com os nomes de estabelecimentos por onde se tem registro Noel circulava, e sim, elementos mais sutis que conduzem à lembrança desses lugares.

<sup>22</sup> Nessa crônica intitulada a *Pintura das Ruas*, João do Rio é levado por um amigo a observar as pinturas de artistas populares que cobriam as paredes de botequins e “bodegas reles” da cidade. Em certa altura da crônica, o amigo de João do Rio anuncia “vamos entrar agora nas composições das Marinhas. Os pintores populares afirmam a sua individualidade pintando a Guanabara e a praia de Icaraí”. (RIO, 2008, p. 92).

<sup>23</sup> Composição de Noel Rosa citada anteriormente.

<sup>24</sup> Ronaldo Fraga defende a utilização de tecidos muitas vezes esquecidos por estilistas brasileiros. Em entrevista recente, ele afirmou: “Minha coleção não tem tecidos novos. O Brasil precisa aprender a usar melhor os tecidos simples, como o linho e a seda. É trabalhar na base mesmo.” (POLI, s/d).

<sup>25</sup> Referência à canção intitulada *Rapaz Folgado*, de Noel Rosa. Cf. *Coleção Noel pela primeira vez*. Universal Music/MinC/Funarte, 2000. CD-ROM 3.

Ronaldo Fraga também faz uma referência ao carteadado do *mulato bamba* que, “desde piralho, vive à custa do baralho e nunca viu trabalho”<sup>26</sup> em uma de suas peças: uma blusa bordada com números e cujo corte – por meio do qual uma carta de baralho (inventada, diga-se de passagem, uma vez que no baralho o número 1 é substituído pelo ás) parece se sobrepor a duas outras cartas – sugere o movimento do jogo como uma sequência (formada pelos números 1, 2 e 3) de cartas colocadas à mesa.

Retomamos, assim, a crítica mencionada no início deste artigo em relação à tipologia e às funções do vestuário delimitadas por Barthes (1979). Podemos afirmar que as funções do vestuário real (proteção, pudor e ornamentação) se misturam com as funções do vestuário escrito (a escrita da moda) nessas peças. Percebemos nas roupas uma citação a outros textos relacionados à apreensão da cidade nas composições de Noel. Quem escolhe vestir essas peças as escolhe não apenas para se cobrir ou se enfeitar de acordo com as tendências da moda. Quem as veste está disposto a contar e carregar traços de histórias relacionadas à vida na cidade e no tempo de Noel Rosa. Traços de paisagens sonoras dos botequins ou dos bailes de carnaval, cujas referências também são reproduzidas na coleção. Como define o próprio estilista no *release* de lançamento da mesma e disponível em seu *website*:

Respiro em outros tempos: a coleção de verão 2011/2012 desenha a alegria melancólica de um baile de carnaval da década de 1930. Corsos, batalhas de confete, essência de lança-perfume. [...] Um pierrô apaixonado, marinheiros e colombinas, confete e serpentina. Uma época de ouro, uma nostalgia art-déco dos anos 30 e algo em torno de um amor que não esqueço. (FRAGA, 2011).

Desde a segunda metade do século XIX, quando as mulheres passam a sair com mais frequência de casa, as ruas e os bailes já eram por excelência lugares de visibilidade para a moda, como confirma Rainho, em sua pesquisa sobre a cidade e a moda naquele período:

A face do Rio de Janeiro que se identificava com a difusão da moda era a cidade que, beneficiada pela urbanização e pela europeização da vida social, permitia aos seus habitantes mais privilegiados o passeio pela rua do Ouvidor, reduto dos elegantes que se extasiavam com as vitrines da Notre Dame ou da Casa Wallerstein.

<sup>26</sup> Trecho da canção de Noel Rosa intitulada *Mulato Bamba*. Cf. *Coleção Noel pela primeira vez*. Universal Music/MinC/Funarte, 2000. CD-ROM 4.

Era também a cidade das festas – como as que ocorriam no Cassino Fluminense –, dos saraus e dos bailes nos salões do senador Nabuco ou do barão de Cotegipe. (2002, p. 59).

Mais tarde, na época de Noel, quando os bailes do mês de fevereiro dessa cidade festiva eram de carnaval, homens, mulheres e crianças usavam fantasias diversas, dentre elas a fantasia de marinheiro.

Era comum que as mães costurassem fantasias de marinheiro para as suas crianças. Como o próprio estilista explica em um comentário em seu *blog*: “Inspirei[-me] mesmo foi numa fantasia de carnaval usada por Noel criança em que sua mãe aplicou falsa gola e mangas de marinheiro em um macacão branco.” (FRAGA, 2011).

É percebida uma referência a essa fantasia de marinheiro na coleção de Ronaldo Fraga em diversas peças: em estampas de camisetas de malha, em macaquinhos, calças e vestidos como aquele que mencionamos na introdução deste artigo e ainda em peças da linha infantil do estilista (Ronaldo para filhotes). Porém, apesar da referência às fantasias da época de Noel, não são reproduções das mesmas. Observamos que as peças femininas ganham cortes nas costas e decotes que expõem o corpo da mulher de forma muito diversa das fantasias das primeiras décadas do século XX. Nos macaquinhos, pernas e costas ficam à mostra. No vestido longo, as pernas são escondidas, mas o corte nas costas e o decote em V evidenciam o corpo feminino.

É importante lembrar que o carnaval acontecia também na rua, fora dos salões. Os cordões de carnaval invadiam as ruas do centro, como a Rua do Ouvidor, com novas cores (das fantasias, serpentinas e *confetti*), sons (das marchinhas de carnaval, dos berros e das gargalhadas) e cheiros (perfumes, suor, álcool e lança-perfume). João do Rio define os cordões como “os núcleos irredutíveis da folia carioca, brotam como um fulgor mais vivo e são antes de tudo bem do povo, bem da terra, bem da alma encantadora e bárbara do Rio”. (RIO, 2008, p. 143).

Dessas transformações multissensoriais da rua invadida por uma pletera de alegria, Ronaldo Fraga se apropria, dentre outros elementos, do multicolorido dos *confetti*, por meio do qual a rua personalizava-se e “parecia, toda ela policromada de serpentinas e *confetti*, arlequinar o pincho da loucura e do deboche”. (RIO, 2008, p. 141). Camisas masculinas brancas ganham bolinhas coloridas estampadas, como se quem as vestisse tivesse acabado de passar por um desses cordões.

Como já descrevemos, no próprio “desfile-espetáculo”, ele encerra a apresentação de suas peças com uma batalha de *confetti* com as manequins

e com o público invadindo a passarela. Batalha essa animada pela canção popular, *A musa urbana*, de João do Rio:

A Musa urbana, a Musa das ruas, que ri dos grandes fatos e canta seus amores pelas esquinas, nas noites de luar, a Musa é a de um milhão de indivíduos. Nessas quadras mancas vivem o patriotismo, a fé, a pilhéria e o desejo da população, desses versos falhos faz-se a sinfonia da cidade, proteiforme e sentimental. (RIO, 2008, p. 239).

Sinfonia urbana que invade a passarela da moda e encarna em roupas para vestir. E assim encarnada faz o seu retorno às ruas, cobrindo com a alma sonora e encantadora das ruas do Rio de Janeiro pretérito pessoas situadas em outro tempo, em outro espaço urbano.

## Finalete<sup>27</sup>

*Tudo o que leva forma e solidez, saiu,  
cidade e jardins, da minha chávena de chá.*  
(Marcel Proust)

Podemos considerar a coleção de moda de Ronaldo Fraga como um dispositivo que faz uso de textos diversos (compostos pelos elementos gráficos e/ou elementos de estilo que fazem referência às canções de Noel Rosa) que permitem uma transposição no tempo e no espaço. A partir das citações não literais de Fraga, consumimos uma moda contemporânea cujo principal elemento de sedução, as referências à alma encantadora da cidade, são vistas aqui como paisagem sonora traduzida, transformada e concretizada em vestuário feminino e masculino. Tais paisagens sonoras encontram-se aquém e além das roupas às quais nos referimos. Tais paisagens estão no som e também nas fotografias de arquivos e reproduzidas em livros, revistas e jornais. Podem ser encontradas nos fotogramas do cinema mudo e falado e em tudo que pode ser visto, visitado ou apenas lembrado, reavivado ao reacender-se a memória de quem vê, ouve, sente. Assim como um bolinho molhado numa chávena de infusão de tília provocou a longuíssima busca de um tempo perdido por Marcel Proust, vestir-se com uma camiseta de marinheiro ou com um vestido

<sup>27</sup> Título de uma canção de Noel Rosa. Cf. *Coleção Noel pela primeira vez*. Universal Music/MinC/ Funarte, 2000. CD-ROM 13.

estampado de velhos azulejos cariocas pode, por sua vez, proporcionar, em quem desfila com uma (simples) peça de uma (complexa) coleção de roupas, uma incursão pela paisagem sonora, visual e sensorial, que dá direito a uma viagem no tempo e no espaço, a habitar a encantadora alma das ruas do Rio de outrora.

## Referências

- BALSEBRE, Armanda. *El lenguaje radiofónico*. Madrid: Cátedra, 1996.
- BARTHES, Roland. *Sistema da moda*. São Paulo: Nacional, 1979.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2006.
- CALZA, Márton U. *A camiseta e a rua: processos interacionais entre sujeitos pelo vestir*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Unisinos, São Leopoldo, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Moda e tipografia: escritura em processo*. In: SEMANA DE EXTENSÃO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIRITTER (SEPESQ), 7., 2011, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre, 2011.
- DORFLES, Gillo. *A moda da moda: arte e comunicação*. São Paulo: M. Fontes, 1988.
- FRAGA, Ronaldo. *Abraçando o Brasil*. Disponível em: <<http://ronaldofraga.com/blog/?p=311#comments>>. Acesso em: 13 out. 2011.
- FRAGA, Ronaldo. *Desfile da coleção O Cronista do Brasil – verão 2012*. Belo Horizonte, 2012. 1 DVD (17 minutos), color.
- FRAGA, Ronaldo. *Ronaldo Fraga*. Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br>>. Acesso em: 5 fev. 2012.
- GARCIA, Carol. Por uma poética do lugar-comum. In: QUEIROZ, João Rodolfo; BOTELHO, Reinaldo (Org.). *Ronaldo Fraga*. São Paulo: Cosac&Naify, 2007.
- KALIL, Glória. Mulheres fictícias. In: QUEIROZ, João Rodolfo; BOTELHO, Reinaldo (Org.). *Ronaldo Fraga*. São Paulo: Cosac&Naify, 2007.
- LIPOVESTSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MÁXIMO, João. Nossa Montmartre tropical. In: KAZ, Leonel; LODDI, Nigge. *O morro e o asfalto no Rio de Noel Rosa*. Rio de Janeiro: Aprazível, 2009.

POLI, Mariana. *SPFW: Ronaldo Fraga encerra temporada com desfile emocionante em clima de baile de carnaval: estilista se inspirou em Noel Rosa e na atmosfera dos anos 1930*. Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/moda-e-beleza/noticias/spfw-ronaldo-fraga-encerr...>>. Acesso em: 2 fev. 2012.

PROUST, Marcel. *La recherche du temps perdu*. Paris: Gallimard, 1999.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a moda*. Brasília: Ed. da UnB, 2002.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCHAFER, R. Murray. *A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora*. São Paulo: Edunesp, 2001.

TATIT, Luiz.. *O século da canção*. Cotia: Ateliê, 2004.

## Fonografia

FREIRE JÚNIOR. Malandrinha. Intérprete: Francisco Alves. In: ALVES, Francisco. *Malandrinha*. Rio de Janeiro: Odeon, 1928.

ROSA, Noel. *Coleção Noel pela primeira vez*. Pesquisa e produção Omar Jubran. Universal Music/MinC/Funarte, 2000. 14 CD-ROM.